

A RELAÇÃO CRECHE-FAMÍLIA NA VISÃO DE PROFESSORAS E MÃES USUÁRIAS DE CRECHE¹

Celi da Costa Silva BAHIA²

Celina Maria Colino MAGALHÃES³

Fernando Augusto Ramos PONTES⁴

RESUMO: Como a família vem compartilhando a educação e a socialização da criança com creches e pré-escolas, estas instituições afetam-se mutuamente. E a relação entre elas delinea oportunidades desenvolvimentais para todos os envolvidos. Este estudo teve por objetivo conhecer as idéias de mães e professoras acerca da relação creche-família. A pesquisa foi realizada com 16 mães e 10 professoras usuárias de uma creche pertencente à rede municipal da cidade de Belém. Para coleta de dados utilizou-se a técnica do grupo focal. Os dados foram organizados em eixos e os principais resultados apontam que as professoras têm uma visão negativa dos familiares, enquanto as mães têm uma visão positivas das professoras. Quanto à forma e conteúdo da relação, há uma relação bidirecional, pois tanto as professoras quanto os familiares buscam a relação. O conteúdo da relação ultrapassa a solução de problemas imediatos. O tempo destinado para a relação é limitado. Este é apontado como o principal elemento que vem dificultando a promoção da relação da instituição com a família. Desse modo, a relação nesta instituição é limitada e dificulta a ação educativa da creche que necessariamente deve acontecer em parceria com a família.

PALAVRAS-CHAVE: Relação creche-família. Creche. Professoras. Mães.

Introdução

Entendendo a creche como um sistema composto por vários subsistemas, entre estes as políticas públicas, o ambiente físico, as crianças, os familiares, os profissionais, entre outros, pode-se afirmar que a creche não é uma ilha que organiza seu trabalho considerando apenas os sujeitos que dela participam diretamente. Assim, para se compreender a creche como instituição que compartilha com a família o cuidado e a educação da criança, é necessário considerar os diversos subsistemas que a compõem. Dada a necessidade de delimitação deste estudo, esta investigação focaliza o subsistema

¹ Texto baseado na Tese de Doutorado intitulada: *O pensar e o fazer na creche: um estudo a partir das crenças de mães e professoras de creche.*

² UFPA – Universidade Federal do Pará. Faculdade de Educação. Instituto de Ciências da Educação. Guamá – PA – Brasil. 66075-110 - celibahia@yahoo.com.br

³ UFPA – Universidade Federal do Pará. Faculdade de Educação. Departamento de Psicologia Experimental. Guamá – PA – Brasil. 66075-110 - celina.magalhaes@pesquisador.cnpq.br

⁴ UFPA – Universidade Federal do Pará. Faculdade de Educação. Departamento de Psicologia Experimental. . Guamá – PA – Brasil. 66075-110 - fernando.pontes@pesquisador.cnpq.br

família, representado pelas mães, e o subsistema profissionais, representado pelas professoras da creche.

Apesar de historicamente a família ser a instituição responsável pela socialização primária da criança, nos dias atuais é comum a freqüência destas com pouca idade em ambientes como creches e pré-escolas. Como conseqüência, as crianças convivem menos com os membros de sua família e a socialização e a educação dos filhos é dividida, principalmente com a escola.

Quando a família compartilha a educação e socialização da criança com a creche, esta atua apoiando as famílias na criação dos seus filhos e a criança passa a viver com seus pares e com adultos em um novo contexto com regras e normas próprias. Neste, as relações são centrais, desde aquelas diretas com as crianças, até as relações com os familiares e com a comunidade, assim a relação entre estas instituições não pode ser uma opção que poderá ou não existir, mas ela é imprescindível.

A compreensão sobre a importância da relação creche-família sustenta-se no modelo bioecológico de Bronfenbrenner (1994), o qual afirma que o desenvolvimento humano é desencadeado a partir da interação entre as características pessoais dos indivíduos e os ambientes nos quais estes vivem. Para este autor, o lar e a instituição de educação infantil, para a criança, constituem seus principais microsistemas, pois são os ambientes onde ela interage face a face, mas estes mesmos ambientes são micro e exossistemas para pais e professoras. O lar é o exossistema para as professoras, pois estes não o freqüentam, mas ainda assim sentem as influências da educação familiar na criança, e a instituição é o exossistema para os pais, pois estes não a freqüentam, mas também sentem a contribuição e a presença das professoras no desenvolvimento de seus filhos.

Como a criança é elo entre creche e família, mas suas habilidades, principalmente no que se refere à linguagem e à sociabilidade, ainda encontram-se em processo de desenvolvimento, ela ainda não consegue agir como mediador entre as instituições. Então a confluência dos microsistemas lar e instituição de educação infantil fornece informações importantes acerca das contribuições das duas instituições na educação das crianças e também enriquece as práticas educativas tanto dos familiares quanto das instituições.

Assim, não existem relacionamentos individuais entre adulto-criança no espaço da creche, pois as famílias estão representadas no mundo subjetivo destas, bem como, no espaço familiar, a professora está representada pela criança. Isto significa que creche

e família afetam-se mutuamente. Se as instituições se inter-influenciam, os processos desencadeados por meio da relação creche-família delineiam oportunidades desenvolvimentais para todos os envolvidos, e tanto a família quanto a creche aprendem aspectos fundamentais sobre a criança e seu desenvolvimento. Assim, de um lado, a creche terá oportunidade de conhecer as particularidades das crianças, das famílias, os problemas que estas enfrentam para oportunizar o desenvolvimento e aprendizagem dos filhos e a maneira como pensam e percebem a creche. De outro lado, as famílias poderão conhecer as características do processo educativo e a estrutura da instituição. De acordo com Patten e Ricks (2000), as características do processo referem-se a como os profissionais respondem à criança, como trabalham a disciplina e como desenvolvem as atividades. As características estruturais dizem respeito ao tamanho do grupo, à relação adulto-criança, ao nível de educação-treinamento dos profissionais, à qualidade-quantidade do espaço físico e à qualidade-quantidade de materiais.

Diante dos argumentos acima, ressalta-se que a função educativa da creche exige uma abertura desta para a participação da família. Em uma educação que tem como foco a criança, os serviços são integrados à família, para tanto é necessário espaço para o diálogo, para as relações, para a participação, para a educação, e envolve crianças, professores e familiares. Portanto, sendo a creche um dos contextos de desenvolvimento da criança e de formação de cidadãos responsáveis pelo seu viver em sociedade, ela necessita dividir sucessos, dificuldades, e, acima de tudo, compartilhar o processo de cuidar e educar a criança na etapa de vida em que se encontra.

Não obstante as pesquisas evidenciarem a importância da integração entre a escola (creche) e a família há bastante tempo, Cavalcante (1998) apresenta alguns fatores que têm dificultado essa interação, como: a falsa crença de que a escola (creche) é impotente para alcançar as famílias das crianças e a expectativa de que cabe aos pais iniciarem o contato com a instituição. No entanto, de acordo com essa autora, essa iniciativa precisa partir da escola (creche), pelas seguintes razões: em parceria com os pais a instituição estará mais capacitada para trabalhar com as crianças; a falta de recursos econômicos, analfabetismo ou semi-analfabetismo tendem a inibir os pais a tomarem a iniciativa de se envolver na vida escolar de seus filhos; a escola (creche), como instituição que historicamente tem sido usada para preservar diferenças sociais, precisa romper as barreiras que ela construiu e que dificultam e até impedem a participação mais efetiva dos pais.

Além dos argumentos acima, adiciona-se que, dada a formação profissional específica que os professores possuem e as funções que a escola tem na sociedade, de socialização do saber, as tentativas de aproximação e de melhoria das relações estabelecidas com as famílias deve partir, preferencialmente, da escola (creche). Se os professores são responsáveis pelas ações escolares, são também os responsáveis pela promoção de ações voltadas ao relacionamento escola-família (CLANDININ; CONNELLY, 1998). Isso significa que a escola e os professores necessitam utilizar diversos mecanismos para criar um ambiente mais acolhedor e afetivo que possibilite à família recapitular o valor da criança e o sentido da responsabilidade compartilhada. Para tanto, a escola (creche) precisa adotar uma linguagem e uma postura que favoreça a aproximação das famílias, para que elas se sintam aceitas, conheçam e compreendam o trabalho realizado e possam contribuir - de acordo com suas reais possibilidades - com o processo educativo das suas crianças.

Tendo em vista identificar aspectos da relação creche-família, Bhering e De Nez (2002) desenvolveram um estudo junto a pais, professoras e atendentes de crianças de zero a seis anos, utilizando entrevista semi-estruturada. Os principais resultados revelam que a comunicação existente impossibilita a proximidade e trocas de informações, pois estas são parciais e limitam-se aos aspectos práticos do dia-a-dia da criança. A atitude da creche para os pais é calcada numa postura de oferecimento da assistência à criança, e a atitude dos pais, na receptividade limitada, calcada numa postura de favorecimento por estes serviços.

As discussões acima nos fazem pensar que não basta reconhecer a importância e a necessidade da relação creche-família. Ações concretas em direção à promoção desta relação são indispensáveis. Como os professores são elementos-chave desta relação, faz necessário investigar suas ações, mas também suas idéias, e as dos familiares, pois elas determinam, em parte, o modo como se dá a relação entre profissionais e familiares da criança.

A partir das discussões acima, questiona-se qual a visão de mães e professoras que participam da creche sobre os atores da relação creche-família? Como a creche vem trabalhando para promover a relação com os familiares? Qual o conteúdo da relação creche-família? Quais as principais dificuldades na promoção desta relação? Quais as alternativas para enfrentar essas dificuldades?

Tendo em vista estas questões definiu-se como objetivo deste estudo conhecer as idéias de mães e professoras sobre a relação creche-família. E de modo específico

objetivou-se: levantar a visão de mães e professoras sobre os atores da relação creche-família, conhecer as formas utilizadas pela creche para promover a relação com a família, bem como o conteúdo do diálogo presente nesta relação e conhece as principais dificuldades encontradas pela creche na promoção da relação creche-família e as estratégias para superá-las.

Metodologia

A pesquisa foi realizada com 10 professoras que trabalhavam com crianças na faixa etária de zero a três anos em uma Unidade de Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação, situada em um bairro de periferia da cidade de Belém que atende 205 crianças pertencentes a uma população de baixo nível socioeconômico e 16 mães selecionadas considerando o seguinte critério: ser mãe de crianças que estivessem freqüentando regularmente a creche. A partir desse critério, as mães foram divididas em dois grupos: as com participação ativa e as com participação eventual. Foram consideradas mães com participação ativa aquelas que vão regularmente à creche no horário de entrada e saída, que buscam informações sobre seu filho e sobre o espaço e informam questões relevantes sobre sua criança. Foram consideradas mães com participação eventual aquelas que só vão à creche quando são insistentemente chamadas pelos profissionais da instituição. Assim, foram desenvolvidos dois grupos focais com mães, sendo um composto de mães participativas e outro de mães com participação eventual.

Para a coleta de dados utilizou-se a metodologia do grupo focal, para tanto, foi elaborado um roteiro composto por três grandes eixos, quais sejam: os atores da relação, como ocorre a relação e as principais dificuldades enfrentadas para promover a relação creche-família.

As mães foram contatadas individualmente e convidadas a participar dos encontros. Após a confirmação do local, dia e horário para a realização do encontro, com o objetivo de ratificá-lo, foram entregues doze informativos, para garantir a participação de no mínimo oito mães, pois imprevistos poderiam ocorrer e alguma não ter condições de comparecer.

Com relação à realização do grupo focal com as professoras, a coordenadora da Unidade informou que seria muito difícil envolvê-las, pois elas não teriam possibilidade

de estar na creche em outro horário, uma vez que, em geral, elas têm outras atividades. A maioria tem outro emprego, é estudante ou tem seus compromissos familiares. A coordenadora informou que a única possibilidade seria realizar o encontro no horário de trabalho, pois elas deixariam as crianças sob a responsabilidade das estagiárias, contudo isso não poderia ocorrer muitas vezes, pois as crianças demandam muita atenção e as estagiárias poderiam ter dificuldades. Diante dos limites encontrados, foram realizados dois encontros com as professoras, nos seus respectivos horários de trabalho.

No dia marcado para a realização dos encontros, o espaço, que havia sido disponibilizado pela coordenadora, foi organizado de acordo com as orientações propostas pela metodologia do grupo focal. Uma mesa retangular com cadeiras foi disposta no centro da sala. Em direção a cada cadeira foi fixada uma etiqueta com o nome das participantes que foram contactadas, do moderador e dos observadores. Essa organização, além de possibilitar a identificação e a interação face a face dos participantes no grupo, tinha por objetivo evitar a idéia de prestígio de alguém e possibilitar a comunicação não-verbal, permitindo assim que tanto o moderador quanto os observadores registrassem além das falas, as expressões dos participantes.

Inicialmente, o moderador apresentava-se, agradecia a participação de todos, esclarecia os objetivos e os procedimentos, neste momento explicava a necessidade de gravar o diálogo, mas ressaltando que as informações seriam utilizadas exclusivamente para a pesquisa.

Em seguida, o moderador ressaltava que a participação de todos era muito importante, e solicitava que os demais participantes também se apresentassem. Ao final de cada apresentação, o moderador agradecia à pessoa. Depois que todos se apresentaram, o moderador lançou a primeira questão para o debate, solicitando que as mães falassem sobre o trabalho da creche. Ele encorajava todos a participar e buscava esclarecer as idéias do grupo perguntando: o que, como, para quê, por que, e até solicitava algum exemplo que pudesse esclarecer o ponto de vista das participantes. Esse procedimento foi adotado para a exploração de todas as questões presentes no roteiro.

O tempo de duração dos encontros variou entre três e quatro horas, pois as mães menos participativas tiveram participação limitada, talvez pelo fato de terem poucas informações sobre as questões que estavam em discussão.

Com relação à realização do grupo focal com as professoras, de maneira geral os encaminhamentos foram semelhantes aos realizados com as mães. Contudo, a

participação das professoras foi diferenciada. Principalmente porque algumas afirmavam que as colegas já haviam falado tudo o que tinham para dizer.

Para análise do material coletado no grupo focal utilizou-se como referência as orientações teórico-metodológicas propostas pela análise de conteúdo de Bardim (1994). Assim, após a transcrição das gravações realizadas durante o grupo focal, iniciou-se a análise do conteúdo das entrevistas. Primeiramente foi processado o recorte de conteúdos. Este recorte possibilitou visualizar, compreender e expressar melhor os significados do discurso dos participantes. Os fragmentos dos discursos (recortes de conteúdo), manifestos em palavras, expressões ou idéias, compuseram os eixos de análise. Considerando os objetivos da pesquisa, foi processada a reorganização dos eixos, de tal maneira que uma análise mais detalhada dos recortes fosse possível.

Resultados e discussão

Para fins didáticos, as informações coletadas durante os grupos focais foram organizadas em eixos, quais sejam: os atores da relação, as formas e conteúdo da relação, as dificuldades enfrentadas para a promoção desta e as estratégias utilizadas para superá-las.

Considerando a perspectiva de que as idéias guiam as ações, discutir-se-á inicialmente a visão das professoras e mães sobre os atores que participam da relação creche-família, ou seja, primeiramente discutir-se-á a visão que as professoras têm dos familiares, especialmente das mães, seguida da visão que as mães têm das professoras.

De acordo com **a visão das professoras sobre os pais** as famílias possuem baixo nível socioeconômico (carentes financeiramente e possuem baixa escolaridade) e em geral são chefiadas por mulheres. No que se refere, especificamente, à participação dos pais no espaço da creche, a maioria das famílias é vista como desinteressada, como expressam os extratos abaixo:

“são pouquíssimos que estão interessados no desenvolvimento da sua criança aqui. A maioria é desinteressada” (p. TE).

“os pais acham que não têm mais responsabilidade de cuidar dos filhos quando eles freqüentam a creche. Quando eles deixam a criança na creche eles transferem a responsabilidade para a instituição e se eximem das suas responsabilidades” (p. GE).

“eles têm uma concepção de que coloquei na unidade, transferei minha responsabilidade. Pronto, tá lá e o período que ele tiver ali eu transferei minha responsabilidade” (p. GI).

“tem momentos aqui que eu me sinto angustiada, por ver muita coisa em relação às crianças, em relação à família, porque a gente quer um pouco mais a atenção... E nós não temos, muitas das vezes nós não temos aquela troca.” (p. SA)

“não tem aquela preocupação de levar o filho ao médico. Quer se ver livre da criança, eu não tô generalizando, mas muitas delas é um descaso total” (p. SO).

No tocante à **visão das mães acerca das professoras**, aquelas manifestam uma visão de professora como sinônimo de mãe, como ilustrado abaixo:

“elas, as professoras, são a segunda mãe dos nossos filhos” (m. EL).

“elas são como mãe, impondo uma coisa que ela [a criança] tem que fazer [...] ela tá ali, ela tá vendo, um simples detalhe faz uma diferença grande (ex. Ela pegava o caderno rasgava tudo, ela disse: “o seu caderno vai ficar aqui, quando você aprender a ter cuidado com as suas coisas você leva o caderno”) (m. AN).

“elas são a segunda mãe deles. Eu acho que elas são a segunda mãe dos nossos filhos porque elas são ensinadas pra isso, pra educar as crianças, pra ensinar o que é certo, o que é errado entendeu” (m. EL).

Olhando para as verbalizações das professoras parece que elas têm uma visão negativa dos pais. Para as professoras, os pais não assumem seu papel e transferem suas responsabilidades para a creche. Essa visão acerca dos familiares merece reflexão, pois se eles são considerados desinteressados e irresponsáveis com as questões relacionadas aos filhos, possivelmente poucos esforços serão empenhados para envolvê-los na creche, e esta não irá aproveitar as contribuições que a família pode oferecer-lhe.

Analisando a visão das professoras sobre as famílias, percebe-se quão necessário é conhecê-las, suas dificuldades, suas necessidades e suas expectativas em relação à creche, pois, como afirmam Bahia, Magalhães e Pontes (2005), a visão que se tem dos familiares pode oferecer indicadores sobre as bases em que as relações se constroem e se mantêm. Assim, quanto mais se conhecer a família e o contexto de vida da criança, melhor será a relação da creche com a família. Contudo, é necessário se despir de preconceitos para se evitar estereótipos que podem gerar a desvalorização das capacidades e potencialidades dos pais. Esses estereótipos podem suscitar uma postura

ofensiva da creche e dificultar o envolvimento ativo dos pais (BHERING; DE NEZ, 2002).

Ainda que as professoras manifestem uma visão negativa dos familiares, as mães referem-se positivamente às professoras. Na visão delas, a idéia de professora está associada à de “mãe”, no entanto esta associação refere-se ao papel educativo que ambas exercem na educação da criança. Nesse sentido, percebe-se que para as mães o papel da professora não está restrito ao cuidado e nem tão pouco à transmissão do saber sistematizado, mas à formação geral da criança. Essa visão de professora enquanto mãe é justificada pela formação da profissional.

A divergência de opiniões entre as participantes dos dois microsistemas deve ser objeto de análise, pois, se na atualidade, a creche com função educativa configura-se como integrando e não substituindo a família, os adultos assumem papéis peculiares, mas complementares. Assim, é impossível eliminar as figuras parentais do processo educativo em espaço coletivo, bem como é preciso valorizar as professoras que estão próximas às crianças, mesmo que estas não participem do ambiente familiar.

Um aspecto relevante a considerar nas falas das mães é o papel educativo atribuído às professoras, todavia elas reconhecem a sua responsabilidade com a educação dos seus filhos.

“[...] se ele já vem uma criança mal-educada, não tem como ele obedecer à professora. Então eu tenho por obrigação de educar o meu filho.” (m.AN)

“a educação vem de casa, mas a professora contribui muito pra educação, é o ator principal. A educação vem de casa, se ela tem um bom exemplo em casa, claro que ela vai ter um exemplo na escola, mas muitas das vezes a criança é mal-comportada, mal-educada, mas a professora tenta educar porque ela é uma educadora, ela tá ali pra educar as crianças. [...] a professora está pra educar, ensinar. Claro, é do ensino que vem a educação, ela tá ali pra educar e pra ensinar.” (m.RS)

As verbalizações das mães nos permitem perceber que para elas o papel educativo das professoras não substitui a função materna na educação das crianças, sugerindo, assim que as mães têm noções sobre o papel de complementaridade das duas instituições. Dessa forma, parece haver divergência de idéias entre professoras e mães, pois para estas as mães não assumem as suas responsabilidades e delegam para a creche as suas funções. As mães, entretanto, afirmam que compartilham com a creche e não se

excluem das suas responsabilidades. Essa consciência de mães usuárias de creches, sobre a partilha de responsabilidade, também foi encontrada no estudo realizado por Geis (1994) e ela argumenta que a literatura vem revelando ser uma inverdade que os pais das camadas populares apresentam descaso e desinteresse pela educação dos filhos.

Em se tratando do eixo **forma e conteúdo da participação**, as professoras citam os eventos (reuniões e festas) promovidos pela creche, as conversadas individualizadas no momento de entrada e de saída da criança na creche como as formas utilizadas pela instituição para promover a relação.

“eles participam, mas não é sempre, participam mais quando tem algum evento, alguma festa. Eu acho que deixam muito a desejar [...]”(p. TE).

“nas nossas reuniões a gente mostra que nós temos um determinado tipo de responsabilidade, mas os pais também têm a sua responsabilidade” (p. SA).

“a gente procura estar sempre chamando. A gente tá com a criança praticamente seis horas todos os dias, de segunda a sexta. Então a gente sabe quando a criança não tá legal, quando a criança tá com cólica, quando a criança tá com um machucado diferente, tá com um arranhão” (p.GI).

“tem aqueles que só vêm quando a gente chama pra conversar, pra pedir o material de higiene” (p.SI).

“tem bebês que ficam doentes, aí nós chamamos os pais pra conversar sobre isso. Mas pra interagir, a família deixa a desejar com o trabalho [...]” (p.GO).

“eu procuro pegar eles na entrada né? Por que nós temos muito pouco contato com eles. Quando eles vêm deixar o filho deles, e ali eu faço algumas perguntas sobre como tá o bebê. Têm casos de mães que chegam chorando, falando que estão com problemas, dificuldades na família. E isso [problemas da família] transpassa um pouco pros nossos bebês, bebês calados, bebês assim agressivos, bebês que não interagem, que ficam tristes no seu cantinho. Eu procuro conversar com os pais acerca disso, procuro conversar sobre desenvolvimento. É rápido. É, por que o tempo é curto né, e se há algum problema eu procuro conversar com eles”(p. GS).

De acordo com as professoras, os familiares também promovem a relação informando e buscando informações sobre a criança e procurando saber sobre o trabalho desenvolvido pela creche.

“têm aqueles pais que querem saber, ‘meu filho comeu? Comeu o quê?, olha professora ele não comeu por que ele tá assim, assim, assim’. Sim, olha ele tá, hoje ele tá meio arredio” (p. SO).

“tem muitas mães que procuram conhecer o trabalho e eu procuro também conversar com elas, né, a respeito do dia-a-dia da criança mesmo” (p. LE).

No tocante as mães, elas relatam que a participam na creche por meio dos eventos (festas e reuniões) promovidos pela instituição e por meio de conversas individuais no horário de entrada e de saída da criança do espaço.

“venho todas comemorações que tiver eu procuro vim, reunião todas que tiver eu venho, todo tempo que tiver pra participar eu tô participando” (m. DE).

“eu participo das festas, todas eu venho, no dia das mães, no dia dos pais [...] sempre que tem reunião que eu sou comunicada eu venho, eu deixo o que tiver pra fazer, eu quero participar pra saber o que tá acontecendo dentro da creche. É importante a mãe tá atenta pra tudo que acontece, o que for falar, se você pode fazer alguma coisa pra melhorar a creche, pra melhorar o desenvolvimento do seu filho” (m.RO).

“[...] nem todo tempo se está disponível pra participar de reunião. [...] mas eu acho importante a reunião sim, os pais têm que ser participativos na escola, tem que pedir informação das professoras como o filho tá se desenvolvendo, como o filho tá se comportando. [...] A reunião é importante porque na reunião a gente sabe todos os detalhes, tudo a gente sabe. [...] mas eu acho que os pais têm que ter participação na escola, têm que ser participativo” (m. RS).

“eu converso com a professora dele, tanto quando eu venho deixa, quando eu venho buscar, que eu faço questão de vim deixar e vim buscar que é justamente na saída que eu pergunto “e aí professora foi tudo bem no dia?”. Que é justamente se ele aprontou alguma coisa né, que é pra ela me dizer, que é pra mim repreender em casa, porque se não falar, como é que eu vou adivinhar” (m. GI)

“toda vez que eu venho buscar a J. ou quando eu venho trazer de manhã, eu pergunto ‘professora e a J.? Tudo bem?’, ela diz: ‘não, não tá tudo bem’, ou então, ‘não a J. tá mal-comportada’. Porque a gente tá sempre sabendo de coisas novas, das novidades né, e [...] a gente tem que tá atento pra tudo” (m. RS)

“Eu penso assim, se a mãe não trás o filho pra creche a professora quer saber no outro dia por que ela não foi, o que foi que aconteceu com a criança, elas exigem, né. Então, a mesma coisa a mãe, também exige coisas das professoras, alguma questão ela quer saber” (m. VI)

“teve tempo da minha filha chegar com dedo machucado e eu disse “olha professora péra aí preste atenção” (m.RS)

As opiniões das participantes dos dois microssistemas são semelhantes no que se refere à forma e ao conteúdo da participação, ou seja, ambos mencionam os eventos e a conversa informal, em geral no horário de entrada e saída, como espaço de troca de informações entre a família e a creche. Quanto ao conteúdo da relação entre as instituições, este está voltado à solução de problemas de saúde e de comportamento apresentados pela criança. Além de que, tanto professoras quanto mães mencionam o interesse destas em buscar informações sobre sua criança e seu desenvolvimento no espaço da creche. A partilha de responsabilidade que creche e família precisam assumir para garantir o bem-estar da criança que frequenta o espaço também faz parte do conteúdo da relação entre professoras e mães. Desse modo, a relação parece superar a idéia de buscar contato apenas para solucionar problemas imediatos. Com base nesse resultado, considera-se que os resultados deste estudo se diferenciam dos resultados encontrados por Bhering e De Nez (2002), as quais observaram que os comunicados entre creche-família são parciais e limitam-se aos aspectos práticos do dia-a-dia da criança.

Apesar de haver concordância quanto à forma e ao conteúdo da relação entre as instituições, os dois grupos manifestam opiniões diferenciadas quanto à adesão das famílias. As professoras reafirmam a ausência daquelas. Já as mães se consideram participativas e argumentam que mesmo diante da falta de tempo, priorizam participar dos eventos promovidos pela creche ou buscam contato direto para obter informações sobre o filho.

Analisando as formas como a relação creche-família ocorre, é possível perceber que ela acontece em momentos pontuais da rotina da creche, como eventos e entrada e saída. No entanto, no que diz respeito à iniciativa dessa relação, tanto as professoras quanto as famílias a iniciam. Quanto ao conteúdo, parece que este vai além da solução de problemas imediatos, pois professoras e familiares trocam informações sobre a criança, sobre seu desenvolvimento e também sobre o trabalho da creche. Do ponto de vista da iniciativa para a relação, pode-se dizer que na creche as relações são bidirecionais, pois são iniciadas por professoras e mães, exceto em reuniões. Contudo, o tempo destinado para as relações parece limitado, o que parece vir dificultando as professoras conhecerem melhor a singularidade das famílias e das crianças. Talvez, por esta razão algumas vezes as professoras referem-se negativamente aos pais.

Embora no aspecto iniciativa e conteúdo da relação se perceba alguns avanços, parece que a participação dos pais ainda é passiva, uma vez que eles não se envolvem no processo educacional dos filhos no espaço da creche, ou seja, a relação parece limitada à busca e à transmissão de informação.

Apesar de os dois grupos reconhecerem a existência de diferentes formas utilizadas na promoção da relação entre creche-família, eles consideram que a forma é uma das principais dificuldades enfrentadas na promoção da relação entre as instituições. Assim, no **eixo dificuldades** enfrentadas as professoras manifestaram:

“[...] se é reunião eles participam, se eu convoco uma reunião rápida eles vão, eles conversam. Mas eu ainda acho que é pouco pra quem trabalha com educação infantil” (p. SA).

“eu acredito que com certeza nós aqui da unidade precisamos melhorar muito essa relação. Aqui elas estão ainda muito à parte, elas estão realmente só em vir deixar e buscar e às vezes vêm pra reunião e não têm muita liberdade, não têm muito acesso, elas não participam muito ainda da vida da creche. Ainda tá muito fechada, na verdade o que eu percebo é isso, ainda tá muito fechada aqui pras mães” (p.GO).

A forma como uma das dificuldades na promoção da relação creche-família também é compartilhada pelas mães, como ilustrado abaixo:

“Eu acho que a participação é mínima. Porque nós somos chamados a participar em período de festa, comemorações. Mas o que eu queria mais assim é reunião, participar dos problemas, das dificuldades assim de uma criança, chegar com a gente e participar, assim eu me sentiria melhor se eu me envolvesse nesse trabalho de reunião com os pais” (m. CA).

“[...] a creche não tem mais outras oportunidades. Eu acredito que se tivessem mais oportunidades eu participaria como reuniões, que eu queria, que eu me interessava muito, procuro sempre saber, sempre conversar com a professora. [...] Quando tem alguma coisa eu sempre venho, quando tem, é em festa [...] toda vez que ela me convida eu nunca recuso, sempre eu venho, tô disponível. Se eu tiver algum compromisso eu desmarco, que eu acho que a gente tem que saber da educação do nosso filho, sobre o local que ele tá, o ambiente, tudo. Sempre eu procuro ter informações, obter informações. [...] Participando de tudo no geral e principalmente nas reuniões, que é o que eu mais queria que tivesse” (m. RS).

“Acredito que o que falta é isso [reunião], se tivesse isso também eu não recusaria, o que mais eu quero que tenha é isso, cada vez mais participar do que se trata da educação do meu filho, tratasse dele e de tudo que se refira a ele é interessante pra mim” (m. GI).

“[...] eu achava que ela [a professora], não participava pra mim muitas coisas da creche, do que acontecia lá na sala de aula; se eu não fosse perguntar, eu não sabia até hoje” (m. RO).

A partir das verbalizações acima é possível perceber que a forma como a relação vem sendo conduzida limita a participação dos pais em contatos episódicos (entrada e saída, festas e reuniões). Como consequência dessa restrição as crianças são a fonte de informação para os pais daquilo que acontece na creche e para as professoras daquilo que acontece no ambiente familiar. O que resulta em informações superficiais para ambos.

Diante das manifestações das professoras e das mães é possível perceber que as dificuldades de promoção são diversas e as consequências dos limites dessa promoção também. No entanto, ainda assim, as professoras consideram que a promoção dessa relação é tarefa delas e manifestam como vêm trabalhando para superar as dificuldades de promoção da relação entre as instituições.

“tem que partir dos professores, da gente porque nós é que temos formação. Nós é que temos respaldo pra isso [...] por que nós tivemos oportunidade de ter uma formação. [...] eu acho que a grande responsável, a responsável maior pra que a relação se estabeleça somos nós, as professores. Nós é que temos que ter essa responsabilidade de também estar educando os pais, de estar conversando, de estar dialogando. Estar incentivando e falando pra eles essa visão de educação ‘mãe tu precisas amar teu filho, tu precisas abraçar teu filho’” (p.GO).

“a gente precisa divulgar mais o trabalho, a gente precisa ter mais reunião, sabe, mais assim encontros com a comunidade. Deveria ter mais encontro fora de festa, porque no dia de festa a gente sente a presença delas. Elas participam, mas só vem nos dias de festas, assim em reunião em sala. Deveria ter uma maior divulgação do nosso trabalho, por que tem muitas que têm essa concepção de que aqui é só cuidar. Eu acho que deveria ter mais divulgação, partindo da coordenação, dos professores. Tá faltando mais oportunidade para os pais” (p. LE).

“educar os pais é no trato, é na orientação, na hora de entregar o filho, no cumprimento, no abraço” (p.GO).

“você dá uma palavra de carinho pra mãe, dá uma palavra de carinho pra criança. Então, quando você recebe ela com um boa tarde, um bom dia. Dessa forma ela vai estar vendo que você vai estar tratando bem essa pessoa” (p.SO)

“você não pode educar só a criança, né, teu aluno, mas as mães, os pais. Acho que levar um pouco pra eles do que você sabe, do conhecimento, eu acho que é isso” (p.GO)

O reconhecimento da responsabilidade das profissionais na promoção da relação é relevante, pois, de acordo com Clandinin e Connely (1998), se as professoras são responsáveis pelo planejamento da ação pedagógica voltada às crianças, também precisam planejar ações voltadas para a promoção da relação creche-família. Contudo, necessário se faz refletir sobre as idéias das professoras para viabilizar a relação com os pais. São propostas centradas na comunicação, por meio da transmissão de informações, e não no sentido de oportunizar a troca, o envolvimento, a ajuda em prol da parceria entre os pais e a creche. Esta postura de oferecimento, e não de troca de informação, sugere que as profissionais estão no controle do “diálogo”, o que, de acordo com uma professora, pode aumentar a distância entre os familiares e a creche.

“às vezes já tem uma história de vida deles com relação à escola no passado, porque se sente frustrada por não ter podido estudar. E isso inconsciente né, não tem consciência disso, então já tem uma certa aversão em relação a escola. Se a escola chega e se coloca com uma autoridade como aquele sabe, “eu sei tudo e tu não sabe nada”, aí complica né [...]” (p.GO).

A manifestação acima nos faz pensar que para lidar com famílias que vivem em um ambiente socioeconômico e cultural distante do saber escolar é necessário garantir espaço para que elas possam manifestar seus desejos e opiniões sobre a educação das suas crianças. Caso contrário, elas ficam apenas recebendo informações sobre seu filho e sobre os acontecimentos existentes no espaço, mas não se envolvem de modo a trabalhar em parceria com as professoras para que o bem-estar da criança seja alcançado e ainda são consideradas desinteressadas (TRANCRED; REALI, 2001).

Essa reflexão é necessária quando se percebe que as propostas das professoras para promover a relação sugerem uma visão de que os pais não têm informações, por isso precisam recebê-las para que possam participar da educação dos filhos, reforçando assim a idéia de Géis (1994), para quem as práticas e os valores culturais das pessoas pobres são facilmente etiquetadas como inaceitáveis e incorretas, devendo se estender uma “escada” para que os pobres transponham o fosso entre o seu mundo e o mundo “normal”.

Nesse sentido, Tranced e Reali (2001) acrescentam que para a promoção da relação creche-família é necessário a creche adotar uma linguagem e uma postura que favoreçam a aproximação dos pais, pertencentes a diferentes níveis socioculturais, a um

ambiente verdadeiramente receptivo para a sua participação, de modo que possam se sentir aceitos, conhecer e compreender o trabalho realizado e contribuir, na justa medida de sua especificidade, na tarefa educativa dos seus filhos. Para tanto, é necessário demonstrar interesse pelo envolvimento dos pais e reforçar atitudes em favor de parcerias.

Ao analisar as formas que as professoras estão buscando para promover a relação com os familiares, percebe-se que as profissionais se esforçam. No entanto, parece que têm encontrado dificuldade em superar ações controladas pelo professor e abrir espaço que possibilite o efetivo envolvimento dos pais na educação dos filhos. Nesse sentido, é necessário um trabalho de preparação dos familiares, mas também das profissionais para promover a relação. Para tanto, as professoras necessitam de auxílio de outros profissionais no planejamento e na execução de ações que possam garantir que a relação creche-família ocorra.

Pensar a preparação das professoras para promover a relação não significa apenas discutir formas de participação, mas também suas percepções acerca de quem são os pais e as suas possibilidades de envolvimento. Estas discussões podem representar um ponto de partida para que a creche supere a sua postura ativa de oferecimento e comece a desenvolver práticas de envolvimento de pais que informem, apóiem e recebam colaboração da comunidade.

Esses resultados nos fazem pensar que os cursos de formação de professores precisam discutir as crenças desses profissionais a respeito não só do desenvolvimento da criança, mas também sobre as famílias, e ainda, como sugere Tancredi e Reali (2001, p.15), “[...] conhecer como elas se constroem, para que as imagens das famílias das crianças sejam (re) construídas de forma mais realista e menos preconceituosa.” Para além de conhecer os pais, é importante as professoras saberem como se comunicar com as famílias, pois a comunicação é o princípio que rege a relação e assegura às crianças a continuidade e o enriquecimento de suas experiências.

Considerando que a educação da criança que frequenta o espaço da creche necessita ser compartilhada com a família, argumenta-se em direção à necessidade de se ampliar a relação creche-família na instituição investigada, mesmo porque se percebe que há potencial para o desenvolvimento de parceria, uma vez que ambas as instituições afirmam se preocupar e investir nesta relação. O contato entre creche e família provavelmente irá contribuir para o enriquecimento das experiências e dos

conhecimentos tanto das professoras como das mães, de tal modo que pode funcionar como um elemento que afeta as díades mãe-filho e professora-criança.

O conjunto de reflexões nos conduzem a argumentar ainda que, para a relação creche-família se concretizar, é necessário primeiramente que as profissionais avaliem a visão que possuem acerca dos familiares. E, principalmente, considerando as inúmeras dificuldades que os pais das crianças desta creche enfrentam para criar seus filhos, para além de assumir uma postura ofensiva em relação aos pais, trabalhem a auto-estima destes. Bailey e Whalley et al. (1997) enfatizam que quando se trabalha a auto-estima dos pais, por meio de atitudes que os encorajam a interagir com seus filhos de maneira positiva, eles se tornam mais respeitosos e compreensivos com a criança e, conseqüentemente, a criança se sente mais apoiada e confiante, em si e nos outros, e desenvolve atitudes positivas para o contato social.

Superar os entraves que vem dificultando a promoção da relação é urgente, pois, em última instância, a relação creche-família representa o início de um processo de inclusão social. Por meio do contato com a creche as famílias, principalmente essas com nível socioeconômico baixo, têm oportunidades de acesso a informações sobre desenvolvimento infantil, compreendem melhor sua tarefa enquanto pais e também têm acesso a informações sobre seus direitos como cidadãos. (BHERING; OUDENHOVEN; WAZIR, 2000).

Em síntese, tendo por base as reflexões acima, é possível afirmar que a relação creche-família não é uma opção extra que pode ou não existir na creche, mas é imprescindível para a criança, para as famílias e para a creche. Contudo, muito precisa ser feito para que a relação aconteça efetivamente. Inicialmente se faz necessário rever as opiniões das professoras acerca dos familiares, tendo em vista construir uma perspectiva que, além de reconhecer as dificuldades dos pais, valorize as oportunidades e os interesses destes em trabalhar em parceria com a creche na educação dos filhos. Para tanto, faz-se imperioso que professoras e familiares, sejam orientados para que juntos possam construir essa parceria em favor de todos os envolvidos no processo educativo da criança que freqüenta ambientes coletivos.

***THE NURSERY SCHOOL-FAMILY RELATIONSHIP ON THE VISION OF
TEACHERS AND MOTHERS OF CHILDREN WHO ATTEND NURSERY
SCHOOL***

ABSTRACT: Nowadays family comes sharing education and socialization of child with nursery school and kindergarten. As nursery school and family affect each other, the relationship between them outlines developmental opportunities for all involved, so family and nursery school learn fundamental aspects about the child and its development. This study had as main objective to know mothers and teachers ideas about nursery school-family relationship. The survey was conducted with 16 mothers and 10 teachers of children who attend a public nursery school in the city of Belém. For data collection it was applied the focus group technique. The data were organized in themes. The main results suggest that teachers have a negative point of view about the student's family, in the other hand, mothers have a positive perception of the teachers. About the form and content, there is a two-way relationship, since both teachers and family seek relationship. However, the content of relationship does not go beyond the solution of immediate problems. The time devoted for the relationship is limited. This is pointed as the main element that is hindering the promotion of the institution's relationship with the family. This way, the relationship in this institution is limited and educational action of the nursery school, which necessarily should happen in partnership with the family, more difficult.

KEYWORDS: School-family relationship. Nursery. Child's teacher. Mothers.

REFERÊNCIAS

BAHIA, C. C. A., MAGALHÃES, C. C.; PONTES, F. A. R. Opiniões de mães sobre o atendimento nas creches municipais de Belém. **Ver a Educação**, Belém, v.11, n.1-2, p.233-248, jan./dez. 2005. Disponível em: <http://www.veraeducacao.belemvirtual.com.br/web/revistas/v11v1e2_completo.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2007.

BAILEY, L.; WHALLEY, M. et al. **Confident parents, confident children**. Inglaterra: The Open University, 1997.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1994.

BHERING, E.; DE NEZ, T. B. Envolvimento de pais em creche: possibilidades e dificuldades de parceria. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília v.18, n.1, p.63-73, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v18n1/a08v18n1.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2007.

BHERING, E.; OUDENHOVEN, N. V.; WAZIR, R. Acesso à educação infantil: uma estratégia para promover a integração social. **Revista Alcance**, Itajai, v.2, n.2, p.11-18, 2000.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experiências naturais e planejadas**. Tradução de Maria A.V. Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

CAVALCANTE, R. S. C. Colaboração entre pais e escola: educação abrangente. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas-SP, v. 2, n 2, p.153-159, 1998.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. Teacher's professional knowledge landscapes: teacher-stories - stories of teachers - school stories - stories of schools. **Educational Researcher**, Washington, v.25, n.3, p.24-30, 1998.

GEIS, R. M. **Criar ou educar crianças? estudo das representações de mães e de educadoras sobre o papel da creche**. 1994. 223 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

PATTEN, P.; RICKS, B. Child care quality: an overview for parents. **Mentalhelp.net**, Columbus, 2000. Disponível em:
<http://www.mentalhelp.net/poc/view_doc.php?type=doc&id=2029&cn=187>. Acesso em: 01 mar. 2007.

TANCREDI, R. M. S. P.; REALI, A. M. M. R. **Visões de professores sobre as famílias de seus alunos: um estudo na área da educação infantil**. [S.l.: s.n.], 2001. mimeografado.